

Igreja

Identidade e Relevância
Contemporâneas

Eduardo Kologeski dos Santos

2024

AGRADECIMENTOS

Dedico esta obra aos meus pais, Arlindo e Lueci, e à arquidiocese de Porto Alegre.

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pelo chamado ao ministério presbiteral. Agradeço a Igreja presente na Arquidiocese de Porto Alegre na pessoa do senhor arcebispo Dom Jaime Spengler.

Agradeço a minha família e amigos pelo apoio manifestado no decorrer desta pesquisa. Agradeço, na pessoa do professor Luiz Carlos Susin, ao corpo docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pela orientação nesta pesquisa. Agradeço a coordenação de pessoal de nível superior – CAPES, pela bolsa que custeou as taxas junto a universidade.

“O primeiro olhar de Jesus é um olhar messiânico. Ele não se destina, em primeiro lugar, aos pecados dos outros, mas aos seus sofrimentos.” (Johann Baptist Metz).

AMOSTRA

PREFÁCIO

Há igrejas que são, com suas paredes antigas e suas torres monumentais, verdadeiras pérolas em paisagens de montanhas, ou no meio do campo, ou sobretudo junto a uma praça tradicional de centros históricos urbanos antigos. Testemunham o tempo e a transcendência na história, convocam a alma humana a se elevar. Mas a Igreja viva - o Povo de Deus, o Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo no mundo - é muito mais que um monumento histórico e espiritual. É sobre a sua presença, a sua vocação, a sua eficácia, consequentemente a sua importância, nos dias em que vivemos, que trata este livro, trabalhado com cuidado intelectual e pastoral.

O autor, Eduardo Kologeski dos Santos, é padre da arquidiocese de Porto Alegre, jovem atuante e já experiente na pastoral de uma Igreja Local, na região metropolitana do Rio Grande do Sul, banhada não só pelas águas de cinco rios que chegam formando o delta do lago Guaíba, mas banhada de multiculturas, uma população que guarda fragmentos de religiosidades também chegadas de tradições ancestrais diversas, sincretizadas com elementos e comportamentos seculares de modernidade, desde sua arquitetura e seu trânsito intenso, até sua racionalidade política e suas comunicações digitais, testemunhadas em aparelhos *smart* que adentram as periferias inclusive pelas mãos de adolescentes da escola pública.

O caldo urbano e suburbano de Porto Alegre se parece com a esfinge que desafia a Igreja a se decifrar a si mesma e a mostrar seu rosto e suas mãos justamente sobre o que trata este livro: sua vocação amorosa, sua eficácia institucional,

enfim sua importância. Ou, na multiplicação de condomínios cercados e de vilas populares saídas do caos, e na multiplicação de pequenas igrejas que surgem como cogumelos depois das chuvas, a presença da Igreja Católica, com suas torres e seus sinos, seria apenas lembrança de uma paisagem bucólica que vai se apagando?

Nem o problema e nem a resposta são invenções do momento. O processo já é secular, Porto Alegre e a Igreja Católica se formaram juntas desde seu nascimento nesse entrelaçamento de tradição e modernização. É parte de um vasto mundo que tem esta história. O autor, Eduardo Kologeski dos Santos, recorre ao trabalho extenso e aplicado do teólogo alemão Johann Baptista Metz, que, por sua vez, bebe das fontes e dos resultados do Concílio Vaticano II (1962-1965), o maior acontecimento da Igreja Católica nos tempos modernos, que já tem sessenta anos. No seu contexto europeu, Metz verificou com lucidez a urgência de nova postura da Igreja para que sua contribuição evangelizadora, portanto, portadora de boas notícias, fosse – ou ainda seja – relevante hoje. Assim como faz o último grande documento do Concílio – *Gaudium et Spes* – ele ousa propor uma nova relação entre Igreja e mundo. No caso de Metz, se estende a uma relação fecunda entre religião e política. É que não há relevância pública sem uma inserção na política, nas coisas públicas da cidade. Para quem apenas deseja a pureza espiritual e mística da Igreja - algo certamente essencial - mas sem envolvimento com a dimensão política da sociedade humana, basta, no entanto, olhar ao seu redor e no seu *smartphone*, pois é óbvio e crescente o comprometimento atual entre religião e política no Brasil e mundo afora. Mas também em toda a história do cristianismo e das religiões em geral, o fato que “a religião é a alma da cultura” se verifica de diversos modos, às vezes de modo feliz, mas também, com

certa frequência, de modo violento, a política distorcendo a religião e a religião legitimando e sacralizando violências políticas. É a realidade histórica, que hoje desborda pela internet. Então não é possível nem honesto negar esta relação, o que urge é a forma adequada, positiva, crítica, profética da relação. Aqui o nosso autor desentranha do pensamento de Metz e de seus comentadores os recursos para isso. É uma contribuição valiosa.

Há um aspecto que é calcado e sublinhado fortemente por Kologeski, na esteira de Metz, em fina sintonia com a primeira afirmação do documento conciliar *Gaudium et Spes*:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, especialmente (em latim: *praesertim*, antes ou em primeiro lugar) dos *pobres* e de todos *aqueles que sofrem*, são as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (GS 1).

Ressoando o Concílio na América Latina, desde a Assembleia do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) em Medellín (1968) e em Puebla (1979), o cuidado preferencial pelo “pobre” se tornou carne nas opções pastorais. Metz, como veremos no texto de nosso autor, toma como categoria fundamental, para a relevância pastoral e política da Igreja, o que acontece com os mais pobres, ou seja, com “todos aqueles que sofrem”, com a vulnerabilidade humana: toda sorte de sofrimentos. À autenticidade da Igreja cabe o sofrimento compassivo: tomar para si o sofrimento humano e de toda a criação. Ou, como está no título de uma das últimas obras de Metz, aqui bem exposta, cabe aos seguidores de Cristo ser “*memoria passionis*”, ser mãe das dores.

Num mundo cheio de muitas dores, é justamente o abraço àqueles que sofrem, abertura para além de toda ideologia

política ou alienação religiosa, a compaixão – ou seu sinônimo bíblico *misericórdia*, que conota as dores de parto para uma vida nova – o que salva. É o que salva inclusive a relevância da existência da Igreja, unindo a sua identidade messiânica de discípulo de Jesus. O Papa Francisco repete com frequência o convite a ser uma “Igreja em saída” para o mundo, especialmente para o meio dos que sofrem, com o olhar, o coração e as mãos tecidas de misericórdia. E em coerência com este chamado à misericórdia, em seus três documentos maiores, *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si’* e *Fratelli Tutti*, ele orienta a Igreja ao “amor político”, a forma mais alta e complexa da caridade.

Temos entre as mãos, na fadiga intelectual do Padre Eduardo Kologeski dos Santos - que nos oferece generosamente, de forma bem elaborada, a sabedoria de Johann Baptista Metz - um marco sólido para assentar o lugar do Evangelho e da Igreja na sociedade pluralista e multicultural de hoje, na forma de religião da compaixão que salva. E de tal modo, que a sua própria apologia, a sua autodefesa, se evidencie em seus frutos pastorais: os que choram são consolados, os feridos são curados, os pobres ganham alegria. Com tais frutos a existência da Igreja é justificada.

Este texto pode ser objeto de estudos em grupo, ponto de partida de conversações, iluminação de planos pastorais. É em conexão com a prática pastoral que na Igreja valem os cansaços dos estudos e da reflexão. Que seja este o bom destino deste livro.

Frei Luiz Carlos Susin OFMCAp
Professor de Teologia na PUCRS

SUMÁRIO

Introdução, 18

1. A Nova Teologia Política, 24

1.1 Johann Baptist Metz: Uma Teologia Do Mundo, 24

1.1.1 A Experiência Da Guerra E O Falar De Deus Após Auschwitz, 25

1.1.2 A Formação Filosófica-Teológica De J.b Metz, 28

1.1.3 O Mundo e a responsabilidade mundana da Fé, 34

1.2 A “Nova” Teologia Política Como Teologia Fundamental Prática, 41

1.2.1 Teologias Políticas E A “Nova” Teologia Política, 41

1.2.2 As Tarefas Da Nova Teologia Política E A Noção De Reserva Escatológica, 48

1.2.3 Uma Apologética Prática, 54

1.2.4 Teologia Do Sujeito Como Crítica De Uma Religião Burguesa, 61

1.2.5 Memória, Narração E Solidariedade: As Categorias Básicas De Uma Teologia Fundamental Prática, 70

1.3 Memória Passionis Como Categoria Fundamental De Uma Nova Teologia Política Sob O Conceito De Razão Anamnética, 77

2. A Relação Entre A Relevância E A Identidade Da Igreja Na Sociedade Atual, 84

2.1 A Separação Entre Religião E Sociedade No Iluminismo, 85

2.2 A Privatização Do Discurso Cristão Sobre Deus E A Auto Privatização Da Igreja, 91

2.3 A Igreja Como Instituição Da Liberdade Sociocrítica, 97

2.3.1 A Possibilidade De Uma Liberdade Crítica Dentro Da Igreja, 98

2.3.2 O Decreto Conciliar Sobre A Liberdade Religiosa E A Opinião Pública Na Igreja, 102

2.3.3 A Função Crítico-Libertadora Da Igreja No Seio Da Sociedade, 107

2.4 A Igreja Portadora E Transmissora De Uma Memória *Passionis*, 111

2.4.1 O Discurso Sobre Deus Como Teodiceia E A Crise De Deus, 112

2.4.3 A Igreja Portadora De Uma Memória *Passionis* No Seio Da Sociedade Atual, 127

3. A Espiritualidade Eclesial Como Espiritualidade Da Liberdade Libertada, 134

3.1 Os Riscos De Uma Mentalidade De Seita Dentro Da Igreja, 134

3.2 A Mística Da *Compassio* Como Mística Política, 145

3.2.1 O Monoteísmo Cristão Em Meio Ao Mundo Plural De Religiões E Culturas, 146

3.2.2 A Mística Da *Compassio* Como Participação Do Sofrimento Alheio, 154

3.2.3 A Mística Da *Compassio* Como Mística Política E As Suas Repercussões No Mundo De Hoje, 161

3.3 A Relação Entre O Culto E A Cultura Anamnética, 166

3.3.1 Atenas E Jerusalém: A Helenização Do Cristianismo, 167

3.3.2 O Desenvolvimento De Uma Cultura Anamnética E Sua

Unidade Com O Culto, 169

Conclusão, 176

Referências, 180

AMOSTRA

INTRODUÇÃO

O tema deste livro gira em torno da relação entre a identidade e a relevância da Igreja na sociedade atual. Na essência das preocupações que motivam o desenvolvimento dele, se encontra a desafiadora relação da Igreja com a sociedade de hoje. O conceito de sociedade aqui utilizado se refere ao seu uso mais abrangente, ou seja, a sociedade humana do século XXI.

Cabe salientar também que os conceitos de sociedade e de mundo estarão associados no desenvolvimento dos capítulos. Nesta época pós-moderna, na qual o processo de secularização se vê consolidado, a pergunta pela relevância da Igreja no ambiente público é fundamental. A distância que existe hoje entre a Igreja e a sociedade, bem como entre os conteúdos da fé e os conteúdos da técnica e da ciência, entre a práxis religiosa e sua repercussão no âmbito político-social, faz com que a Igreja, enquanto portadora da mensagem da salvação, se defronte com enormes dificuldades no exercício da evangelização. A Igreja pós-conciliar busca nos dias de hoje, *ad intra* e *ad extra*, revisitar a sua relação com o mundo no qual está inserida.

Neste contexto se faz necessário um olhar para a identidade da Igreja, a partir de uma teologia fundamental prática que ilumine a mesma em direção à essência de sua missão neste mundo. O presente livro está fundamentado no itinerário teológico de Johann Baptist Metz. Na esteira de seu pensamento, e de modo especial de sua nova teologia política, poderemos vislumbrar alguns caminhos que levem a teologia e a Igreja de hoje a uma relação propositiva com o mundo.

A nomenclatura “teologia política” carrega junto de si um histórico denso e polêmico. Neste sentido será utilizado esta nomenclatura estritamente sob a ótica de Metz, tendo em vista que a sua nova teologia política tem muito a contribuir com a Igreja. Metz no desenvolvimento do seu itinerário teológico partiu ainda nos anos 60 de uma nova reflexão da relação entre a Igreja e o mundo, impulsionado pelo Concílio Vaticano II, e, de modo especial, pela constituição pastoral *Gaudium et Spes*.

A compreensão de uma nova teologia política busca suscitar na Igreja o desenvolvimento das implicações públicas e sociais da mensagem cristã. Metz afirma a necessária rejeição de qualquer atitude de privatização do discurso sobre Deus, recordando que a salvação é um tema que diz respeito a todos. Ele destaca que a ruptura ocorrida no Iluminismo entre religião e sociedade provocou uma redução da práxis da fé ao âmbito individual.

A Igreja é portadora de uma reserva escatológica, categoria central em sua teologia política, e esta reserva contém as promessas escatológicas da tradição bíblica: liberdade, justiça e reconciliação. E é justamente esta reserva escatológica que impulsiona a Igreja a não assumir uma relação negativa com a sociedade, e sim, uma relação crítica e dialética.

Metz destaca a forte influência de um niilismo latente em nosso mundo pós-moderno, e uma das repercussões de tal influência se encontra na amnésia cultural presente em nossa sociedade. A falta de memória e de recordação faz com que a realidade do sofrimento na História se perca em um horizonte vazio de sentido. A Igreja é portadora de uma memória subversiva e perigosa, que busca realizar na História as promessas de Deus. E esta mesma memória, que Metz chamará de *memoria passionis*, deve ser transmitida e testemunhada pela Igreja em meio a uma sociedade marcada

pela já citada amnésia cultural. A partir destas considerações, é importante ressaltar que a última palavra sobre a História e sobre a salvação pertencem a Deus. Assim, a nova teologia política é uma hermenêutica cristã de uma ética política.

O problema que este livro buscará desenvolver é: a Igreja está consciente de que sua relevância na sociedade está diretamente vinculada com a afirmação de sua identidade? E, em torno desta questão central, também nos perguntamos: A Igreja está consciente de sua missão pública nos dias de hoje? De sua responsabilidade crítica, que brota da fé, diante dos sinais de injustiça presentes na sociedade? Na sociedade atual a Igreja desenvolve as implicações públicas e sociais da mensagem cristã? E, a partir das intuições da nova teologia política de J.B. Metz, buscaremos explicitar que a Igreja, enquanto transmissora e testemunha de uma *memoria passionis*, pode assumir uma práxis crítica na sociedade. Além disso, desenvolveremos a ideia da Igreja enquanto instituição da liberdade crítico-social que está a serviço do Reino de Deus.

O livro está estruturado em três capítulos nos quais buscaremos desenvolver a partir da teologia de Metz a temática da identidade da Igreja e, a partir dela, a sua relevância no mundo de hoje. No primeiro capítulo lançaremos um olhar às bases da formação filosófico-teológica de Metz e o desenvolvimento de sua teologia do mundo. A passagem desta teologia do mundo para uma teologia política, bem como as tarefas básicas que a mesma se propôs, serão apresentadas. As categorias centrais desta teologia política, que se revela uma teologia fundamental prática, e as repercussões no campo teológico e eclesial, serão desenvolvidas no decorrer deste capítulo.

No segundo capítulo desenvolveremos a relação entre a identidade da Igreja e a sua relevância no mundo. Neste sentido, um olhar sob a ótica de Metz para o período do

Iluminismo, e a separação lá ocorrida entre religião e Estado, será apresentada. A noção de Igreja como instituição socio-crítica, portadora de uma *memoria passionis*, será abordada. Deste modo a realidade do sofrimento humano, resumido por Metz na catástrofe de Auschwitz, bem como a tarefa de se fazer teologia a partir dessa tragédia serão aqui expostas. E por fim, as repercussões e as tarefas que surgem a partir desta compreensão de Igreja em sua relação com o mundo, serão desenvolvidas.

No terceiro capítulo iremos tratar da espiritualidade que brota da nova teologia política de Metz, e na vivência da fé cristã em um mundo plural de culturas e religiões, que se revela como mística política. O risco da Igreja tornar-se uma seita em meio à atual diversidade cultural e religiosa será apresentada. Neste sentido iremos aprofundar a noção de uma mística da *compassio*, e a partir da mesma, o desenvolvimento no seio da Igreja de uma cultura da memória, chamada por Metz de uma cultura anamnética, e sua íntima relação com o culto cristão.

A relevância de tal pesquisa se fundamenta na atual situação da Igreja nos mais diversos contextos culturais e sociais de hoje. A dificuldade de uma relação propositiva com a sociedade de hoje, bem como sinais *ad intra* de um retorno a épocas marcadas por um acentuado fechamento por parte da Igreja em sua relação com o mundo, demarcam a importância de um desenvolvimento teológico que amplie os horizontes daqueles que são Igreja, ou seja, os cristãos e cristãs de hoje.

Neste sentido, a recordação da realidade do sofrimento humano, promovido por indivíduos e instituições, e a necessária defesa daqueles que sofrem, bem como o cultivo da memória daqueles que já não estão mais entre nós, encontra na teologia de Metz, recepção e inspiração para o ser e o agir da Igreja. O ministério petrino de Francisco tem buscado

explicitar o que se espera daqueles que se afirmam cristãos no mundo de hoje. Ou seja, o cuidado com a Casa Comum, a promoção da dignidade humana, e a defesa dos mais pobres e marginalizados. Por fim, a teologia de Metz tem muito a contribuir com o desenvolvimento teológico em nosso país e em nosso continente latino-americano. Nas últimas décadas, contribuições mútuas entre Metz e teólogos brasileiros e latino-americanos, foram salutares para o ser e o agir da Igreja em nossas terras. Citamos a relação entre Metz e o teólogo peruano Gustavo Gutierrez Merino, expoente da teologia da libertação. Entre eles existiu uma profunda amizade, além de inúmeros pontos de convergência e colaboração no campo teológico.

No atual momento da sociedade brasileira, se faz especialmente necessária a presença e o testemunho da Igreja em todos os âmbitos da sociedade. O testemunho do Evangelho, que se cristaliza na memória da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, exige da Igreja hoje um olhar de frente para a realidade do sofrimento que tem rostos e histórias, e que não podem ser relegados ao esquecimento.